

NOVA DIREITA NO BRASIL: MATRIZES TEÓRICAS, INTELECTUAIS E DISCURSIVAS

NEW RIGHT IN BRAZIL: THEORETICAL, INTELLECTUAL AND DISCOURSIIVE MATRICES

Ivan Henrique de Mattos e **SILVA**
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, Brasil
ivansilva@unifap.br
<https://orcid.org/0000-0002-4373-5037> 

Josnei **DI CARLO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil
josnei.boas@ies.unespar.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9319-4750> 

Jacques **MICK**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil
jacques.mick@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0001-8456-9488> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

Com a ascensão de governos neoconservadores no cenário político no último decênio, cuja marca distintiva de seus líderes é uma retórica ofensiva contra a democracia e as minorias que entraram em cena na arena política, o sintagma nova direita assume crescente centralidade nas Ciências Sociais. Seja endossando a premissa da formação de um novo espectro ideológico no campo político a reinventar a direita, fazendo-se necessário sua adjetivação para distingui-la da “velha direita” (CHALOUB, PERLATTO, 2015; CEPÊDA, 2018; ROCHA, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019), seja reconhecendo limites quanto à novidade desse fenômeno (CODATO et al., 2015; ROEDER, 2016), a emergência na política contemporânea de atores abertamente identificados no plano ideológico com a direita tem sido tema de pesquisa recorrente. Apesar de a delimitação conceitual estar em disputa, o sintagma localiza historicamente o fenômeno na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de um processo inconclusivo, exigindo “imaginação política” (SANTOS, 2017) por parte dos cientistas sociais.

Esse processo não se restringe ao Brasil (ROCHA, 2018; SOLANO, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019), por também ser a expressão de um reordenamento político e ideológico oriundo da crise estrutural da sociabilidade neoliberal a partir de 2008 (FRASER, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019). No Brasil, a hegemonia neoconservadora no mercado de bens simbólicos (DI CARLO, KAMRADT, 2018; FERNANDES, VIEIRA, 2019) aliada a uma crise de grandes proporções – econômica, política e institucional – pavimentou o caminho para os neoconservadores serem vitoriosos nas eleições de 2018. Assim, ao assumir a Presidência da República em 1ª de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro torna-se o centro da coalizão de forças formada em torno dele por ter se tornado, mais do que a expressão institucional, a manifestação cultural hegemônica da nova direita brasileira (DI CARLO, KAMRADT, 2018; PIAIA, NUNES, 2018; BILENKY, 2019; CESARINO, 2019; SILVA, 2021). Há, aqui, dois elementos conceituais fundamentais: a direita política e seu caráter de novidade no tecido social, político e ideológico brasileiro.

A discussão realizada aqui adota a definição de Bobbio (2011), partindo da premissa de que o que separa direita e esquerda (enquanto tipos ideais) é o juízo positivo ou negativo a respeito do ideal da igualdade, oriundo da aceitação ou rejeição da desigualdade (em distintos níveis e aspectos) como a ordem natural do mundo. Sendo assim, a direita é o campo que assume (em maior ou menor medida) a desigualdade como ordenamento natural e limite de toda a ação política (BOBBIO, 2011; CEPÊDA, 2018). Vale lembrar que, enquanto tipos ideais, tais conceitos não se resumem a todos monolíticos, mas compreendem uma vasta gama de expressões, manifestações e gradações num contínuo ideológico, que possui na maior aceitação ou rejeição da desigualdade o seu *ethos*. Haveria, portanto, um conjunto bastante significativo de expressões políticas situadas à direita no espectro ideológico – desde liberais e conservadores clássicos até as expressões históricas do fascismo europeu.

O segundo elemento conceitual que define o escopo deste dossiê é o caráter de novidade assumido por um tipo específico de direita política no Brasil contemporâneo. Para além de ser uma tipologia assumida pelos próprios atores e intelectuais vinculados ao campo (BERLANZA, 2017), há, pelo menos, cinco características que fundamentam a distinção desses novos grupos políticos em relação a seus congêneres anteriores (SILVA, 2021): a adoção de um *framework* metapolítico – compreendido, segundo definição de Teitelbaum (2019), como a identificação da arena cultural como o *locus* prioritário de disputa política (e como pré-condição para a conquista de espaços institucionais); o anti-intelectualismo, compreendido enquanto a negação epistemológica das instâncias

consolidadas de produção, reprodução e legitimação dos regimes de verdade no mundo contemporâneo – em especial, as universidades e centros de pesquisa nacionais e internacionais – e, por sua vez, a busca pela construção de regimes alternativos (ALONSO, 2019; DI CARLO, 2029a, 2019b; PINHEIRO-MACHADO, 2019; TEITELBAUM, 2020; SILVA, 2021); o antielitismo, na chave de uma valorização ética, estética e epistemológica do homem médio e do senso comum (ALONSO, 2019); a instrumentalização do discurso “politicamente incorreto” como uma retórica de resistência anti-sistema (DI CARLO, KAMRADT, 2018; ROCHA, 2018); e a síntese ideológica entre o conservadorismo moral e a defesa do livre-mercado, materializada no slogan “liberal na economia e conservador nos costumes” (CHALOUB, PERLATTO, 2015; ROCHA, 2018; NETTO ET AL., 2019; SILVA, 2021).

Embora a nova direita brasileira tenha se apresentado publicamente na esteira do turbilhão de efervescência social após os protestos de junho de 2013, ganhado as ruas entre 2015 e 2016, e, por fim, conquistado o Executivo Federal apenas em 2018 – *pari passu* ao processo de crise do lulismo –, sua formação coincide com o auge da popularidade do governo Lula (entre 2006 e 2010). Por quê? No período, foi se organizando um contra-público – especialmente na Internet, através das redes sociais e fóruns – com pautas radicalizadas e linguagem debochada própria da mídia digital, engrossando, paulatinamente, o caldo cultural que alimentou o neoconservadorismo e o trouxe para o centro da esfera pública nacional. Na origem desse contra-público, encontramos grupos religiosos, militantes pró-impeachment, articuladores do Partido Novo e da reorientação do Partido Social Cristão (PSC) após 2014, tudo fortalecendo a candidatura de Bolsonaro a partir de 2016 (ROCHA, 2018).

Entre 2007 e 2013 os ultraliberais, em conjunto com outros militantes que além do livre-mercado defendiam pautas conservadoras, passaram a circular em novas e antigas organizações civis, grupos e movimentos de defesa do livre-mercado e a formar grupos de estudo e chapas para disputa de centros e diretórios acadêmicos em universidades públicas. (ROCHA, 2018, p. 17)

Dada a estratégia de conquista da opinião pública pela nova direita, os intelectuais neoconservadores assumem uma função estratégica na expansão da hegemonia desse espectro político. Assume-se, aqui, a definição gramsciana de intelectual, a saber, o grupo social encarregado de exercer as funções conectivas e organizativas nos processos de produção de hegemonia (GRAMSCI, 1980; VOZA, 2017). Os intelectuais são, portanto, a

categoria social que se define por uma tarefa essencialmente ideológica (CHALOUB, PERLATTO, 2015). Dentre o conjunto de intelectuais politicamente identificados com o campo da nova direita, um deles se destaca em função não apenas de seu enraizamento em várias das subdivisões da nova direita brasileira – influenciando desde ultraliberais até militaristas e monarquistas (ROCHA, 2018) –, mas, sobretudo, devido a seu potencial de aglutinação ideológica do campo (ROCHA, 2021): Olavo de Carvalho – que, inclusive, é objeto central de reflexão na entrevista de Alvaro Bianchi e no artigo de Daniel Leão e Paulo da Costa Pereira Neto neste dossiê (além de compor o pano de fundo de alguns dos demais):

A sua escolha enquanto interlocutor fundamental para a compreensão de fundamentos ideológicos da nova direita se deve a dois fatores: em primeiro lugar, porque, embora não tenha sido o “criador” do campo, ele foi capaz de traduzir as angústias do seu público em uma narrativa eficaz (apoiada tanto em uma retórica disruptiva como na estética do politicamente incorreto), dando corpo explicativo ao ressentimento, e, assim, possibilitando a difusão e o enraizamento de um ideário fortemente ancorado na síntese entre conservadorismo moral e defesa do livre-mercado; e, em segundo lugar, em função do próprio reconhecimento, por parte de outros intelectuais do campo, de sua importância na abertura de espaços, na esfera pública, para pautas e narrativas conservadoras. Em decorrência da capacidade de conceder aos grupos que compõem a nova direita no Brasil um grau mínimo de homogeneidade e consciência de sua própria função, é ele seu principal intelectual orgânico, e, portanto, o interlocutor-chave para o exercício de compreensão dos fundamentos ideológicos do campo empreendido aqui. (SILVA, 2021, p. 3)

Um traço retórico bastante comum à guerra de posições desse campo é a instrumentalização do discurso “politicamente incorreto” a partir de uma estética de insurgência contra o *establishment* (DI CARLO, KAMRADT, 2018) – tema que aparece nos artigos de Cristian Sparemberger, Iann Endo Lobo e Igor Campos da Silva; Rodolfo Marques; e Fabio Lanza, Jeferson de Almeida Saraiva Neto, José Wilson Assis Neves Júnior:

Não se trata de uma afirmação deslocada de um contexto social marcado por uma agenda que ameaça o *status quo*. A questão, para nós, no caso da cultura do politicamente incorreto, é restabelecer o *status quo* ameaçado pela emergência das minorias, pondo reivindicações específicas na agenda. Bolsonaro, portanto, não surge em um vazio. Ele é porta-voz de uma cultura sedimentada nos últimos anos pelo mercado editorial e pelos meios de comunicação de massa. Sua ressonância no meio social se deve a ter encontrado uma cultura em difusão nos últimos anos. No caso do mercado editorial, a cultura do politicamente incorreto é evidente, por muitos dos livros

que fazem uso do sintagma no título ganhar lugar de destaque nas vitrines das *megastores*. Por negar o saber crítico proveniente da universidade, essa cultura pode ser tomada como uma *contra-história*, objetivando negar todo conhecimento produzido na área das humanas sobre a violência a marcar a sociedade brasileira contra as minorias. (DI CARLO, KAMRADT, 2018, p. 58-59)

A instrumentalização do discurso politicamente incorreto pode ser lida como uma reação a um modelo específico de subjetivação nucleada no conceito de tolerância – um fenômeno internacional (com forte apoio no pluralismo liberal) que se intensifica após os anos 1960 e que, no Brasil, possui seu desaguadouro no processo constituinte de 1987-1988 (BURITY, 2018). A Nova República – consolidada no Brasil em meados da década de 1990, com a eleição do Presidente Fernando Henrique Cardoso (SALLUM JR., 1999) –, enquanto novo pacto social de dominação política no país, ensejou a criação de um campo semântico relativamente consensual na esfera pública em torno de alguns temas específicos, tais como a democracia, a diversidade, a inclusão e a tolerância. A esse campo foi dado o nome de “politicamente correto” (DI CARLO, KAMRADT, 2018). Contudo, com o aprofundamento da crise estrutural do capitalismo após meados da década de 2010, e a rápida corrosão do padrão de vida no país, os avanços da cidadania no campo dos chamados direitos pós-materiais (ou simbólicos) – a agenda do reconhecimento (FRASER, 2018) – passaram a ser lidos por parcelas expressivas das classes populares e médias (sobretudo branca e masculina) como perdas relativas, e ressignificados politicamente como ressentimento ou raiva cultural (BURITY, 2018; BROWN, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019).

Considerando a transversalidade ensejada pelo objeto, o escopo deste dossiê teve como objetivo reunir pesquisas e trabalhos sobre a nova direita no Brasil levando em conta três problemáticas:

1. *Teórica* – investigações que analisem os recursos teóricos mobilizados pela nova direita no Brasil, ou seja, que articulam as ideias que a nova direita pôs em circulação no país com as pautas do pensamento político conservador, neoconservador, liberal, neoliberal etc. não só brasileiro quanto internacional, com destaque para análises comparativas;
2. *Intelectual* – investigações que centrem a análise em obras e autores específicos, contemplando tanto as análises comparativas quanto aquelas mais individualizadas, mobilizando campos epistemológicos que vão da sociologia dos intelectuais ao pensamento político e social;

3. *Discursiva* – investigações mais voltadas para a compreensão de ideias coletivas (no sentido de discursos produzidos por grupos políticos, *think tanks*, imprensa etc.), do senso comum (no sentido de valores que ocupam a esfera pública por meio de protestos, redes sociais, ou grupos desorganizados) e, por fim, da retórica bolsonarista (no sentido das estratégias de Bolsonaro para conquistar a opinião pública e, posteriormente, governar, tanto em termos institucionais, quando se trata da relação entre o Executivo e os outros poderes, quanto em termos de mobilização popular em relação a temas que vão da educação à Covid-19).

O dossiê “Nova Direita no Brasil: matrizes teóricas, intelectuais e discursivas” conta com oito artigos, duas traduções, uma resenha e uma entrevista. O primeiro artigo, de Gabriel Garcia, é intitulado “Occidentalismo Fantástico do Chanceler: uma análise indiciária das influências no pensamento globalista de Ernesto Araújo”, e apresenta uma reflexão acerca do pensamento do ex-Ministro das Relações Exteriores do Governo Bolsonaro – e um influente intelectual do campo da nova direita – a partir de seu conceito de civilização ocidental, buscando, a partir daí, traçar as tradições de pensamento político que compõem o seu pano de fundo cultural, filosófico e ideológico.

O artigo “Maria Aragão e a ‘Batalha da Memória’ envolvendo a Ditadura Civil-Militar”, de autoria de Marcelo Fontenelle e Silva, busca situar a construção autobiográfica de Maria Aragão – médica e militante histórica do PCB – dentro de uma espécie de memória pública da resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985) no Estado do Maranhão, bem como compreender como essa reconstrução se insere na atual conjuntura de disputa entre a historiografia da ditadura no país e o revisionismo histórico propagado por vários setores políticos e sociais vinculados ao campo da nova direita.

O artigo de Neide Célia Ferreira Barros tem como título “O Movimento Escola Sem Partido e a popularização do ódio aos docentes”, e trata de três temas absolutamente centrais ao *Weltanschauung*¹ da direita contemporânea no país – e, novamente, em larga medida apoiados na linguagem política fornecida pela obra de Olavo de Carvalho: a hipótese sustentada pelo Movimento Escola Sem Partido de que haveria uma hegemonia marxista nas escolas e universidades brasileiras, operadas a partir de uma estratégia de doutrinação cultural cujo lastro estratégico seria o “marxismo cultural”, ou o “gramscismo”;

¹ Cosmóvisão, na chave weberiana. Princípios que embasam uma concepção de mundo (WEBER, 1992).

a centralidade da guerra cultural como estratégia de conquista do poder por parte da nova direita; e a instrumentalização da retórica do “politicamente incorreto”.

O quarto artigo, de autoria de Everton Silva de Sousa e Fabio Gentile, cujo título é “Da crítica à mídia de massa ao elogio da Internet: Os fundamentos da proposta comunicacional do portal/projeto Estudos Nacionais”, busca discutir os fundamentos que embasam a proposta comunicacional por trás do portal Estudos Nacionais e da editora homônima. Em consonância com o que foi apontado por Di Carlo e Kamradt (2018), a articulação entre a disputa ideológica no seio da sociedade civil *pari passu* a uma reorientação do mercado editorial brasileiro se articulam como eixos estratégicos da ascensão desses novos grupos políticos no Brasil contemporâneo.

O quinto artigo está centrado naquilo que Teitelbaum (2019), Rocha (2021) e Silva (2021) apontam como um componente central das novas direitas em todo o mundo: a centralidade da noção de “guerra cultural”. Com o título “A nova direita e as guerras culturais: um estudo de caso da atuação de Ana Campagnolo no Facebook”, os autores Cristian Sparemberger, Iann Endo Lobo e Igor Campos da Silva se propõem a elaborar uma taxonomia do campo semântico mobilizado retoricamente pela Deputada Estadual Ana Campagnolo (PSL-SC).

O artigo “*Facetas do Guru do Presidente: Representações audiovisuais de Olavo de Carvalho no YouTube e em O Jardim das Aflições*”, de autoria de Daniel Leão e Paulo da Costa Pereira Neto, está centrado na figura de Olavo de Carvalho, e questiona uma aparente contradição entre sua imagem benevolente, dócil e familiar – representada no documentário *O Jardim das Aflições* (que é, também, o título de um dos livros da trilogia que compõe o núcleo duro de seu pensamento) – e sua imagem agressiva, cultuada pelo próprio Olavo de Carvalho, sobretudo em seus vídeos nas redes sociais.

Escrito por Rodolfo Marques, o artigo “As Novas Direitas no Brasil e as Estratégias de Comunicação Política” trata do eixo discursivo que marca a formação da nova direita no Brasil, cujo período o autor identifica entre as manifestações a favor do *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff em 2015 e a eleição do Presidente Jair Bolsonaro, e se dedica a avaliar a sua eficácia tanto do ponto de vista da criação de laços com o eleitorado brasileiro, como do ponto de vista da construção de um novo alinhamento político-ideológico no país.

O último artigo do dossiê possui como título “Configurações político-ideológicas no Brasil: o caso da história e distorção conservadora-autoritária”. Escrito por Fabio Lanza, Jeferson de Almeida Saraiva Neto e José Wilson Assis Neves Júnior, o texto – inspirado na

perspectiva lukacsiana – se propõe a identificar o caráter político-ideológico e o sentido histórico dos discursos que circulam na esfera pública brasileira vinculados ao campo da nova direita.

Como mencionado anteriormente, o dossiê também está composto por duas traduções: a primeira delas é de autoria de Rodolfo Palazzo Dias e Rodrigo Orlando Silva, e se trata da tradução do artigo “*The Populist Radical Right: A Pathological Normalcy*”, do cientista político holandês Cas Mudde – uma das principais referências a respeito das novas expressões da extrema direita na Europa e nos Estados Unidos; a segunda tradução, de Flavio Pereira, é referente ao segundo capítulo – “*Jair Bolsonaro y los políticos evangélicos*” – do livro “*Poder Evangélico: Cómo los grupos religiosos están copando la política en América*”, do cientista social argentino Ariel Goldstein.

A resenha que compõe o dossiê é de autoria de Rodrigo Meyer, e aborda o livro *Do Fascismo ao Populismo na História*, do historiador argentino Federico Finchelstein. Por fim, a entrevista – conduzida por Aline Vanessa Zambello (Unicamp), Josnei Di Carlo (UNESPAR) e Ivan Henrique de Mattos e Silva (UNIFAP) – foi feita com o Prof. Dr. Alvaro Bianchi (Unicamp), uma das principais referências brasileiras sobre a obra gramsciana e sobre o fenômeno do “anti-gramscismo” na América Latina – vale dizer, a construção de um campo conservador estruturado ideologicamente a partir da negação ativa do pensamento gramsciano.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. *In: Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BERLANZA, LUCAS. **Guia Bibliográfico da Nova Direita** – 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro. São Luís: Editora Resistência Cultural, 2017.

BILENKY, Thais. O Twitter como bússola. **piauí**, Rio de Janeiro, 22 mai. 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-twitter-como-bussola>>. Acesso em: 09 set. 2021.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Edipro, 2017.

BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism** – the Rise of Antidemocratic Politics in the West. Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? *In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (orgs.). Conservadorismos,*



Fascismos e Fundamentalismos – Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediação**, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista Andrologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. **Anais do 39º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, 2015.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos *et al.* (orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DI CARLO, Josnei. Da educação à doutrinação, da realidade ao simulacro, do bolsonarismo ao totalitarismo. **Boletim Lua Nova**, 16 mai. 2019. Disponível em: <<https://boletimluanova.org/2019/05/16/da-educacao-a-doutrinacao-da-realidade-ao-simulacro-do-bolsonarismo-ao-totalitarismo>>. Acesso em: 09 set. 2021.

DI CARLO, Josnei. Matrix bolsonarista para a acumulação sádica do capital. **Boletim Lua Nova**, 7 out. 2019b. Disponível em: <<https://boletimluanova.org/2019/10/07/matrix-bolsonarista-para-a-acumulacao-sadica-do-capital>>. Acesso em: 09 set. 2021.

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, João. Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, p. 55-72, 2018.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. **Novos Estudos Cebrap**, v. 38, n. 1, p. 157-182, 2019.

FRASER, Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. **Política e Sociedade**, v. 17, n. 40, p. 43-64, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

NETTO, Michel Nicolau; CAVALCANTE, Sávio Machado; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família. **Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2019.

PIAIA, Victor; NUNES, Raul. Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório. **IESP nas Eleições**, Rio de Janeiro, 8 ago. 2018. Disponível em: <<http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio>>. Acesso em: 09 set. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior** – o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

ROCHA, Camila. (2018), “**Menos Marx, mais Mises**”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROEDER, Karolina. Existe uma nova direita no Brasil? Uma proposta de classificação e análise de seu perfil social. **Anais do 10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política**, Belo Horizonte, 2016.

SALLUM JR., Brasília. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 2, p. 23-47, 1999.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **A imaginação política brasileira**: cinco ensaios de história intelectual. Rio de Janeiro: Revan, 2017.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. “Liberal na economia e conservador nos costumes”: uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 107, p. 1-19, 2021.

SOLANO, Esther. Apresentação. *In*: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin. Daniel Friberg and Metapolitics in Action. *In*: SEDGWICK, Mark (org.). **Key Thinkers of the Radical Right** – Behind the New Threat to Liberal Democracy. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. **War for Eternity** – Inside Bannon’s far-right circle of global power brokers. Nova Iorque: Dey Street Brooks, 2020.

VOZA, Pasquale. Intelectuais. *In*: LIGORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política. *In*: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**, vol. 1. 5ª edição, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

NOVA DIREITA NO BRASIL: MATRIZES TEÓRICAS, INTELLECTUAIS E DISCURSIVAS

Ivan Henrique de Mattos e Silva

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 2010. Mestre em Ciência Política pela UFSCar, em 2013. Doutor em Ciência Política pela UFSCar, em 2018. Atualmente, é professor adjunto de Ciência Política nos cursos de Bacharelado em Ciências Sociais e Licenciatura em Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).



ivansilva@unifap.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4373-5037>

Josnei Di Carlo

Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2006. Mestre em Ciência Política pela UFSCar, em 2013. Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2018. Realizou estágio pós-doutoral, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da UFSC e, atualmente, é Professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

josnei.boas@ies.unespar.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9319-4750>

Jacques Mick

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1992. Mestre e Doutor em Sociologia Política pela UFSC (1998 e 2004, respectivamente), com pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2014). É professor associado do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC e docente permanente dos programas de pós-graduação em Jornalismo e em Sociologia e Ciência Política. Foi professor visitante no Instituto de Estudos Políticos (Sciences Po) da Universidade de Grenoble em 2014 e 2017.

jacques.mick@ufsc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8456-9488>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY)**. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 10 de setembro de 2021

Aprovado em: 10 de setembro de 2021

